POEMAS NOTURNOS

Pablo Gabriel Ribeiro Danielli

2015

1.

Mais que a noite,

Que passa.

Mais que teu silêncio

Que fica.

O corpo cai...

A noite cai...

Tuas memórias,

Vão embora.

Azar o teu!

Azar o meu!

Azar da vida!

Ingrata.

Que não retribui afagos,

Ingrata.

Porque não sorri,

Só chora.

E o vento leva,

A toda hora

Teu corpo...

Pra longe do meu.

Mas o tempo passa,

A vida passa,

A noite se acaba.

Assim como a palavra,

Uma hora ou outra...

Tua solidão,

Minha solidão...

Cala!

2.

Ao fundo de tudo,

Fica o vazio...

Um resto de mundo.

A palavra extraviada,

O sentimento sufocado.

No fundo, ao fundo...

Não pode ser preenchido,

Com alegria ou dor alguma.

Resta a confusão e a duvida!

Porque no fim de tudo,

A vida não tem apenas

Um rumo.

3.

Podemos ler,

Todos os livros possíveis.

Viver todos os amores,

Impossíveis.

Provar todos os corpos,

Perecíveis.

Desprezar esse tempo,

Indivisível.

Mas ainda somos escravos,

De sonhos e desejos...

Para continuarmos,

A sermos infelizes.

4.

Não se pode esconder,

Todos os medos,

Em um quarto escuro.

Esperando esquecê-los...

É lá que eles tomam forma,

E ganham vida.

5.

Homem,

Cuja alma podre...

Exala odio e certezas.

Ser, cujas palavras,

São apenas sujeiras.

Reflexo do que os olhos,

Incapazes enxergam.

Toma como certo a morte!

E apodrece no teu intimo...

Enquanto a noite passa,

Querendo se esconder do dia.

6.

Um quarto pequeno,

Um coração apertado,

E um amor...

Que foge (!?)

Por entre os dedos.

7.

Nenhum dia é igual ao outro,

E nenhuma noite é capaz de se repetir.

São outros ventos...

Outros sóis e outras luas.

Mas nós insistimos sempre,

Em colocar a culpa,

Da nossa falta de vida...

Em uma rotina.

É mais fácil repetir

Do que arriscar.

8.

Pessoas caminham

A cidade frenética,

Não para!

A vida e a morte...

Não param!

Em meio à solidão

Na multidão.

Num instante de reflexo...

Reflete teu ser,

Na bosta, do cão!

Brota a poesia,

Na confusão!

9.

Sou um poema ambulante

Com interrogação, exclamação e ponto final.

Hora, versos que fazem sentido,

Hora, com rimas quebradas.

Com palavras que choram...

Com letras que fazem rir...

Um poema para ser lido,

Algo para ser refletido.

Sou uma estrutura,

Que foge do papel.

Que não requer tempo certo,

Para ser lido.

Sou um poema incompleto

Que se escreve no dia,

No meio da multidão.

Que se ajusta na noite,

Na reflexão.

Um poema sujo.

Um poema Belo.

Simples e complexo.

Alguns olhares irão compreender,

Outros simplesmente...

Passarão.

10.

Qual o erro que te persegue?

Qual o erro que te merece?

Quantos olhares jogados fora...

Qual sua parte na culpa?

Esconde tua voz...

Fecha teus olhos...

Mas a lembrança do futuro,

É que o passado se faz presente.

Mesmo que teu lado humano,

Esteja ausente.

Há vida...

Para que sempre,

Se tente.

11.

Rasga teus lenços,

Desperdiça teu pesar.

Deixa soprar o vento da duvida,

Em toda certeza cega...

Existente.

12.

Luz,

Meia luz...

Uma vida inteira!

Entre tantos pontos cegos,

Constroem-se certezas.

13.

Qual poema deixou de ser?

Que frase,

Ficou por decorar?

Quanto planos...

Os segundos ainda vão,

Devorar.

14.

Poemas obscuros,

Que buscam a vida...

Mesmo que a morte,

Seja uma sina.

15.

Entre tantos prédios vazios,

Luzes, sonâmbulas...

Cortam a noite, como faróis.

Sem mar,

Para navegar.

Sem pessoas,

Para avisar.

Corações vazios,

Sem capacidade de amar.

Enquanto corpos a deriva,

Encontram-se em camas vazias.

Sem esperar...

Sem questionar...

O silencio rompe a alma,

Deixando a insônia,

Como ondas, castigar o corpo.

Não há pensamento capaz,

De preencher o escuro.

E a única coisa a deriva,

É o corpo...

Jogado na imensidão da mente,

Que não dorme,

Porque não consegue acordar.

16.

Quantos destinos deixaram de se cruzar

Quantos corpos não se tocaram,

Quanto medo não foi sentido...

Quantos sonhos desperdiçados,

Pelo medo de tentar.

17.

Que imaginação você usa,

Quando ninguém te escuta?

18.

Qual pensamento

Que tua mente ecoa,

No teu corpo.

Que te faz perder a noção,

Do tempo que se tem...

Entre sonhar e realizar.

19.

Poemas noturnos

Soltos pelo corpo,

Que iluminam a mente...

E constroem uma vida.

20.

Sobras do almoço

Requentadas na janta,

Palavras presas na garganta,

Não fazem de ninguém...

Um santo.

21.

Um pássaro negro

Pairava no céu.

Um gato preto

Caminhava na terra.

Um pássaro negro

Pairava no céu.

Um gato preto

Caminhava na terra.

Uma memória esquecida

Pairava na mente.

Passos perdidos

Faziam o caminho.

Uma memória esquecida

Pairava na mente.

Passos perdidos

Faziam o caminho.

22.

À noite, é atrevida...

Ela despe nosso corpo,

E exibe nossos medos.

E mesmo no silêncio,

Ela insiste em bater

Simplesmente para poder mostrar,

Que sem pronunciar...

Uma palavra qualquer,

Ela argumenta, julga e executa.

Com o desdém de quem pensa,

Ser o dono de alguém.

E toda idéia, todo sonho e fantasia,

É velado por ela.

A noite é uma escrava

Assim como nós somos do dia,

E nossos corpos pertencem a ela,

Porque é nela que sustentamos nossas angustias.

Não existem horas, nem segundos na noite.

O que persiste é a mente,

Que hora esta lúcida

E em outrora se põe a delirar.

E madrugada a fora,

É permitido viver, amar e morrer.

Mesmo assim

Muitos apenas se permitem,

Adormecer.

Porque à noite

Também pertence,

Á aqueles que não se permitem,

Sonhar.

23.

Quando o relógio não bate,

Quando o tempo não passa...

Tudo é silêncio.

Pensamento que destoa,

Do suspiro

Que não é palavra,

E sentimento que cala.

24.

Não sabe o que é,

Uma caneta, tinta ou papel.

Apenas deixa teu respirar,

Pairar sobre a vida,

Para transformar teu sentir,

Em poesia.

25.

Como um animal,

Corre teus olhos sobre o papel,

Uma presa com letras,

Um leitor sem defesa.

26.

A noite passa,

E você finge que dorme.

O dia nasce,

E você finge que vive.

27.

Entre vazios,

Você encaixa a vida.

Cria objetivos...

Faz uma rotina.

28.

Qual a dor

Que cala teu coração?

Qual a escolha

Deixa tua noite sem sono?

As sobras do tempo...

As sombras do tempo...

Ilusões distribuídas na cama.

Sonhos que sobrevivem,

Em pequenos apartamentos.

Olha pela janela

E enxerga o amanha.

Deixa o passado sair,

Sem rumo...

Porta a fora.

29.

No fundo do poço
Estava a vida...
O pouco da dignidade,
E um resto de amor.

As palavras presas
Entre as paredes,
Faziam afogar.
A esperança...
Era como um muro alto,
Intransponível.
E o fundo do poço,
Era morto, sem luz...
Por que há muito
Os olhos não vêem ou brilham.
Ninguém era capaz de ouvir,
Os gritos eram tão fortes,
Quanto à indiferença...
De quem por ali passava.
Usado pela cidade,
Desprezado pela sociedade,
Esquecido como um eco...
Preso na memória.
Antes fonte de vida,
Agora, agoniza.
Porque todo ser que ali bebeu
Esqueceu-se de retribuir,
Por que uma vida,
Só deixa de ser fonte,
Quando é apenas usada...
E esquecida.

30.

O silêncio fala...
O silêncio canta...
Às vezes grita...
E chora.
O silêncio constrói,

Mas também destrói.
Há reflexão no silêncio,
Mas não há pensar na fala.
Por isso, cala...
Enquanto lhe é permitido,
E, fala...
Somente quando,
Não puder mais
Dominar o silêncio.

31.

No meio do caminho
Havia um amor,
Um pouco de vida...
Alegria e dor.
Existiam os anos e o tempo,
O desejo e o medo.
No meio do pensar
O vento que toca o corpo,
Faz algumas almas esperar.
Outras sentem a brisa,
Fazendo a esperança brotar.

32.

Muitas vidas que não acontecem,
Não existe compreensão...
A boca que pede perdão,
Não estende a mão!

Quem criou o caos?

Quem criou o caos?

A morte, não permite chorar,

É preciso sobreviver, lutar!

Esta noite,

Não há historias para contar...

Não se houve cantigas

De ninar...

Filhos mortos,

Não podem escutar.

Existe a penas o pesar,

A perda e a dor.

Lagrimas, feitas de sangue,

Que marcam para sempre,

O chão que se passou.

A fronteira que separa,

Limita também, a cabeça e o coração.

O desespero vira capa de jornal,

Gera ibope na TV...

Emoção que passa,

Depois do comercial.

Em algum lugar do mundo,

Alguém sorri...

Pensa (?), ainda bem,

Não é aqui!

Em alguma cama, alguém deita,

Sem o peso dos mortos nas costas.

Os pecados de poucos,

São castigados com o sofrimento de muitos.

Fazendo da vida,

Algo inacabado...

A marcha dos excluídos,

Toma conta do mundo.

Porque, todos temos,

Nossos mortos, para enterrar.

A miséria que a noite esconde,

O dia revela!

E nada sobra do nosso reflexo...

Da um beijo de despedida,

No corpo do teu filho,

E parte sem destino.

Porque o sangue,

Que mancha a terra,

Não é culpa tua!

Os gritos calam,

Mas a dor é eterna.

Para quem sente,

Que o vento de agosto,

Trás apenas o temor...

De um setembro sangrento.

Acende uma vela e reza,

A espera de perdão e compreensão,

De quem pode, mas finge não saber como...

Salvar.

Oferece apenas um pedaço de pão,

Enquanto no silêncio da noite,

Cala-se, mais um coração.

“Ouve o que a noite tem a dizer, o dia apenas revelará teu pensar”.